

# TUBACANORA

FOLHA LITERÁRIA MENSAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

---

“Dai-me uma fúria grande e sonora, / E não de agreste avena ou frauta ruda, / Mas de tuba canora e belicosa, / Que o peito acende e a cor ao gesto muda”. LUÍS VAZ DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, 1572, Canto I; e5.

E DEPOIS O SILÊNCIO.

Há já demasiado tempo que aquele gotejar lhe latejava incessantemente no pensamento. Uma e outra vez, escutava repetidamente o baque surdo do corpo sem vida beijando as lajes, seu berço. A cada passo que dava, sentia-se cada vez mais desprotegido face aquela memória de sangue e ferro traduzida no pontual e eterno esgar de horror. Os olhos muito abertos numa expressão de terror e incredulidade seguidos de um leve estertor, imediatamente se traduziram no som pleno do corpo caído como a uma marioneta a quem cortaram os fios.

E depois o silêncio.

Como numa vital sinfonia à qual o baque surdo emprestara a sua conclusão, também ele ouvia uma e outra vez, o tempo da penetração no momento em que os quinze centímetros da folha de aço descobriram o suave toque dela, interpolado pela sua expressão em contratempo, e depois o abandono corpóreo definitivo.

E depois o silêncio.

---

JOÃO MACIAS · *Grado en Estudios Portugueses y Brasileños*

---

HISTÓRIA DO GATO E DA LUA

Talvez não possa escrever  
porque me doam as palavras  
e doem-me, ao longe,  
e, embora eu não queira, sangram.  
Terei, novamente, de assumir  
que não sou feita para isto  
e voltar, só, a olhar  
a ferida luz do firmamento.  
Agora o mundo só é vida,  
agora já não tem medo  
é o gato e a sua lua  
é a história do silêncio,  
um abismo de mentiras,  
uma história dum inverno.

---

INÉS VELÁZQUEZ PUERTO · *Grado en Estudios Portugueses y Brasileños*

---

A DOR NÃO DESEMBOCA

*(Com dois poemas de Lorca, para todos  
os refugiados que resistem em terra de ninguém)*

Cada menina que morreu num poço  
perdeu-se num oceano infinito  
de cadáveres esquecidos.

A dor não desemboca!

Cada noite as barcaças  
mordem o escuro  
esperando abraçar areia.

A dor não desemboca!

Cada manhã os sobreviventes  
esperam o inútil sonho  
de voltarem a sentir-se humanos.  
Quando os devolvem ao mar  
as suas bocas pedem a gritos:

deixai-me neste campo a chorar!

[tradução de Carlos d'Abreu]

---

MONTserrat VILLAR GONZÁLEZ · *Doctorado en Lenguas Modernas – Esp. EP & B*

---